



**ENCANTADOS DA FLORESTA E DA CIDADE:
uma experiência a partir da disciplina Estudos do Corpo nas Artes Cênicas**

ENCHANTED OF THE FOREST AND THE CITY:
an experience from the discipline Body Studies in Performing Arts

Carlos Alberto Ferreira da Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-5601-7990>

**ENCANTADOS DA FLORESTA E DA CIDADE:
uma experiência a partir da disciplina Estudos do Corpo nas Artes Cênicas**

Resumo

A proposta deste texto é apresentar a experiência com os animais no decorrer da disciplina *Tópicos Especiais – Estudos do Corpo nas Artes Cênicas* do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre. Neste viés, a partir de seis animais — o boto-cor-de-rosa, o jacaré, a cadela, a borboleta, o pássaro japiim e o boi —, busca-se, com um manifesto textual, apresentar os impactos, os desequilíbrios e os ataques gerados aos corpos da Floresta e da Cidade.

Palavras-chave: animais; *encantados*; artes cênicas.

**ENCHANTED OF THE FOREST AND THE CITY:
an experience from the discipline Body Studies in Performing Arts**

Abstract

This text aims to present the experience with animals in the course of Special Topics – Body Studies in Performing Arts, Graduate Program in Performing Arts, Federal University of Acre. In this approach, from six animals — the pink porpoise, the alligator, the female dog, the butterfly, the japiim bird and the ox —, the goal is to present through a textual manifesto the impacts, imbalances and attacks on the bodies of the Forest and the City.

Keywords: animals; *enchanted*; performing arts.



A escrita deste texto resulta de uma experiência no estado do Acre em 2023 entre as cidades de Rio Branco e Xapuri, na Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX), durante a realização da disciplina *Tópicos Especiais – Estudos do Corpo nas Artes Cênicas* do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre. A referida disciplina foi ministrada por dois docentes de diferentes instituições do país, sendo a docente Eloisa Brantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Sudeste, e eu, autor deste texto, da Universidade Federal do Acre, no Norte. Nos encontros também houve a participação de Patrícia Caetano, docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e de cinco estudantes do PPGAC/UFAC matriculados na disciplina, sendo eles Amanda Talita, Douglas Rodrigues, Edileuda Shanenawa (indígena), Stephanie Dantas e Vanesa Tomaz da Silva.

A proposta desta escrita é demarcar, manifestar e relatar uma experiência vivida nessa disciplina de interação com os corpos dos animais presentes na relação da Cidade e da Floresta¹. No decorrer da realização desse componente curricular, visou-se, a princípio, conforme o Plano de Aula, “ampliar as discussões acerca do *corpo* e suas implicações no contexto contemporâneo, a fim de friccionar os paradigmas culturais, políticos e sociais dos corpos dissidentes, dos corpos periféricos, dos corpos com deficiências na cidade”. Nesse viés, o desenvolvimento das aulas foi pensado para o contexto do *corpo* sob ótica e perspectiva humanas. Contudo, a cada dia de encontro, de 2 a 9 de maio de 2023, os seres *Encantados*, encarnados por meio dos animais, começaram a aparecer e se fizeram presentes nos encontros, criando a possibilidade de ampliar a nossa relação de grupo com a natureza.

Vale destacar que os Encantados são entidades espirituais que podem ser humanas ou animais; todavia, nem todos os animais são encantados. Por isso, neste texto, utilizarei uma licença poética para apresentar alguns animais que estiveram presentes nos encontros das aulas e tornaram os elementos e encantarias importantes para essa vivência. Assim, esta escrita emerge da urgência de publicar um manifesto acerca do caos ambiental que a humanidade está enfrentando devido aos impactos gerados pelo próprio homem. De acordo com Raymundo Heraldo Maués, nos livros *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia* (1995, p. 189) e *Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades* (1999, p. 92), os Encantados estão presentes na religiosidade popular de todo o Brasil por meio dos orixás, nas festas de Candomblé e Umbanda; dos inquice, enquice, equice ou iquice, similares aos orixás, nos candomblés de Angola e do Congo; dos jejes (voduns nagôs); e de outras

¹ Opto por colocar Cidade e Floresta em letra maiúscula, em algumas partes do texto, justamente para demarcar um lugar de nome próprio, ou seja, de representatividade.



divindades de religiões populares. Contudo, na Amazônia os Encantados ganham um sentido específico e, ao mesmo tempo, abrangente.

O antropólogo Raymundo Heraldo Maués destaca que os Encantados, segundo sua perspectiva, são entidades espirituais que se manifestam principalmente na pajelança cabocla, uma tradição cultural da região amazônica. Ele descreve a ação dos encantados como incorporações em pessoas comuns que, em vez de passarem pelo processo de morte material do corpo, transmigram para um mundo espiritual diferente. No entanto, é importante ressaltar que esse mundo espiritual não é o mesmo mundo dos espíritos da crença cristã. De acordo com Maués, esse mundo espiritual dos encantados pode ser caracterizado como um mundo encantado subaquático ou lugares escondidos nas matas, ou seja, um plano espiritual que está intimamente ligado à natureza. Essa concepção sugere uma relação especial entre as entidades espirituais, a terra e o ambiente natural ao seu redor.

Essa abordagem ressalta a complexidade das crenças e práticas espirituais dentro da cultura amazônica e destaca como as tradições indígenas e caboclas podem diferir significativamente das concepções espirituais ocidentais, como as da religião cristã. Para Maués, os encantados representam uma conexão única entre o mundo espiritual e o mundo natural e enriquecem a compreensão da espiritualidade na Amazônia, sobretudo na relação direta com os elementos da natureza (terra, fogo, ar e água), bem como com toda a flora e fauna ligadas às representações das moradas desses seres espirituais. Assim, a natureza presente na Floresta e na Cidade torna-se a localização e ocupação dos animais Encantados, seja nas profundezas das florestas, sob os rios e lagos, seja nas ruas e nas profundezas das cidades.

Apresentar os *Encantados* torna-se uma experiência de caminhar na Floresta e na Cidade pela perspectiva dos animais que, no decurso da disciplina, se fizeram presentes, sobretudo frente a um contexto real e hierárquico de assassinato da Floresta, como é possível acompanhar pelos noticiários e dados de que as florestas e as cidades estão sendo atacadas e destruídas diante de um capitalismo desenfreado, dados esses que se somatizam principalmente na região Norte do Brasil. Floresta e Cidade são corpos constituídos de sistemas e organicidades, com suas formas de funcionamento e execução. A Cidade, antes de se materializar como tal, era Floresta, ou seja, existe uma simbiose de cuja fonte de energia nós, seres humanos, usufruímos. Contudo, a noção de *corpo* frente ao paradigma humanista e social muitas vezes é visualizada e compreendida como um modelo “padrão” e “normativo”, com apenas alguns sujeitos como protagonistas, enquanto uma série de pessoas, cujos corpos são diferenciados, fora do padrão e estranhos, não faz parte desse *clã*, pois está à margem do próprio sistema. Pensar a ideia de *corpo* no Brasil é compreender as



diferenças presentes em cada região do país. As diversidades e pluralidades fazem deste país um estado da diferença. Porém, dentro de uma perspectiva normativa, ainda é preciso quebrar inúmeros paradigmas, sobretudo quando os corpos dissidentes, periféricos e com deficiência não fazem parte desse pensamento. O contexto social interfere e se faz presente para cada pessoa/sujeito/ser humano. Trazer essa compreensão de *corpo* para a Floresta e para a Cidade busca padronizar e normatizar em uma perspectiva do homem, de tal forma que esses corpos sofrem de forma direta com o desmatamento, as queimadas, os impactos acelerados e desordenados do clima, as toneladas de poluentes e dejetos produzidos diariamente por nós.

Apresentar a presença dos seres animais é uma maneira de nos conectar com esse *corpo Terra* que clama por ajuda. Assim, mesmo que de forma espontânea, ter esses animais presentes tornou-se a oportunidade de repensar o contexto e a realidade do planeta. Os seres Encantados da natureza do Norte do Brasil fazem parte de inúmeras manifestações culturais e religiosas das regiões amazônicas. Essas entidades são consideradas espíritos ou seres mágicos que habitam a natureza e desempenham papéis diversos nas crenças e tradições locais. Os seres encantados da natureza podem variar de uma comunidade a outra, mas geralmente estão associados a elementos naturais, como rios, florestas, árvores, cachoeiras e animais. Desse modo, alguns animais são considerados *seres de poder* e desempenham um papel significativo em muitas práticas xamânicas. São entidades espirituais ou tótems, vistos como guias, protetores e fonte de sabedoria. Os animais de poder são frequentemente considerados guias espirituais que auxiliam os praticantes xamânicos em jornadas espirituais e lhes oferecem orientação e proteção. Dessa forma, ao longo dos encontros em Rio Branco e Xapuri, a presença dos diferentes animais trazia uma conexão com o contexto dos participantes e possibilitava uma imersão de contato com esses seres, dos quais apenas um era domesticado (a cadela). Todos os outros — jacaré, boto-cor-de-rosa, borboleta, pássaro japiim e boi — eram selvagens. Alguns estão em extinção e é raro encontrá-los, e os maiores motivos são o desmatamento e a poluição.

O encontro desses animais no seu contexto junto aos nossos corpos humanos se materializou como encantarias, que estavam ali com o intuito de permitir que nós, corpos humanos, os observássemos e déssemos atenção à possibilidade que ainda existe de mudar e reorganizar esse mundo em desequilíbrio com a natureza. São seres encantados no rio, nas matas, árvores, pedras e florestas que formam uma rede de atenção e presença no espaço físico e mítico. Dessa forma, o contato direto com esses animais, neste momento atual, soou como uma sinalização urgente de atenção a um ecossistema que está em apuros.



Porém, é preciso indagar: que mundo é este em que estamos vivendo? O que estão fazendo com as Cidades? Com a Floresta? Será que esse acontecimento na Amazônia declara um período de catástrofe? Catástrofe? O que está acontecendo? O que podemos ter de *Ideias para adiar o fim do mundo?*

Apresento o livro de Ailton Krenak para estimular essas indagações. Krenak, em suas sábias palavras, diz que este tempo atual “é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (Krenak, 2020, p. 26). A terra vem demonstrando a sua tristeza e, ao mesmo tempo, a dor. Nos últimos meses, é possível perceber como estão fortes as tragédias naturais, sobretudo no estado do Acre. Durante esses dias referentes à disciplina, em 4 de maio de 2023, em uma vivência fora do espaço acadêmico, no centro da cidade, próxima ao bar *Casa do Rio*, na Rua Barbosa Lima, tornou-se possível compreender o impacto da natureza gerado pela seca e pela chuva. Como artistas, interventores e educadores, percebemos a necessidade de aprender e ensinar com o próprio espaço, pois, ao observar a catástrofe, é necessário ressignificar performativamente a vida.

Imagem 1 - Fotografia: Orla do Rio Acre, em Rio Branco, Acre, após as chuvas de março e abril de 2023.



Fonte: Eloisa Brantes, 2023.

A imagem acima é um retrato de como ficou o centro da cidade de Rio Branco depois das chuvas de março e abril. O fato de não haver raízes nas orlas, pois as árvores foram sendo removidas, cortadas e derrubadas nos últimos anos, faz com que a força da água arraste e leve as terras e tudo o que encontra nas encostas. Sair da sala de aula possibilitou que nós, pesquisadoras e pesquisadores, sentíssemos a Floresta que ainda pulsa



dentro da Cidade. Apesar dos percalços, da tristeza e da realidade que comumente ocorre a cada ano, foi possível ter acesso a alguns desses animais *Encantados* que se apresentaram nos nossos encontros. Na região em que nós, docentes e estudantes, fizemos a vivência na região da *Imagem 1*, em função do alto nível de chuva, as ruas, casas e estabelecimentos comerciais tiveram seu espaço inundado. Houve casas que ficaram totalmente submersas; muitas pessoas perderam tudo em função das cheias.

Dessa forma, buscarei apresentar registros dos animais que, ao longo da disciplina, se encantaram e possibilitaram uma atenção e perspectiva diferenciada do próprio espaço da Cidade e da Floresta. Assim, esta escrita, de certo modo, é um manifesto contra o que vem acontecendo com a Floresta. “Os manifestos são usados a fim de proclamar sua própria definição sobre temas que os interessam, sejam os artísticos, os políticos, os sociais, que visam formular novas regras e preceitos para dar voz a uma questão” (Ferreira da Silva, 2018, p. 178). Nesse sentido, apresentar este texto pela perspectiva dos animais é uma forma de alertar, sobretudo, para a falta deles na natureza, pois é urgente a necessidade de delatar esse problema e convocar a comunidade para uma ação contra esses desastres que vêm ocorrendo de forma tão frequente.

A presença *Encantada* dos animais

O **primeiro animal** a aparecer para nós foi o *boto-cor-de-rosa*. Além de o maior golfinho de água doce do mundo, é um animal icônico da região Norte do Brasil, que possui todo um folclore e é conhecido pelo temperamento dócil. Contudo, em função da poluição e do crescimento populacional desenfreado, tornou-se raro ver um boto no rio Acre, em Rio Branco. O rio Acre corta parte do próprio estado; percorre mais de 1.190 km desde as nascentes até a desembocadura. É atravessado por duas pontes internacionais: uma liga Assis Brasil a Iñapari (Peru) e outra, Brasileia a Cobija (Bolívia).

Em março, os que acompanharam pelos meios de comunicação viram que o rio Acre transbordou por conta das chuvas, inundou vários bairros e deixou desabrigados inúmeros moradores na cidade de Rio Branco, bem como no interior do estado. Na cidade de Rio Branco, o transbordamento chegou a quase 19 metros. No entanto, o rio Acre, nos últimos 45 anos, teve em 2016 o seu nível mais baixo, com 1,83 m; em 2022, isso foi superado, e o rio chegou a 1,29 m. Os animais das águas sumiram, inclusive o boto, que ficou raro nas águas da cidade de Rio Branco. O boto, além de animal mítico, migra sempre de um lugar a outro. Contudo, segundo o relato dos moradores próximos ao rio, eles não



apareciam mais. Mas, ao longo dos nossos encontros na beira do rio, três botos apareceram nos dias 4 e 9 de maio.

Imagem 02 - Fotografia: Carlos Alberto Ferreira na margem do rio Acre.



Fonte: Eloisa Brantes, 2023.

Na imagem acima, encontro-me de costas, de braços abertos, usando uma camisa azul e calça preta, e olho o Rio Acre; no meu corpo estão bandeirinhas do Brasil enroladas, vestígios da Copa do Mundo de 2022. Como o corpo está próximo à beira do rio, é possível observar o tronco de uma árvore cortada; no outro lado da orla, na Gameleira, há uma estrutura de cimento que serve de contenção para a chuva.

Nesse momento de instalação, enquanto observava o rio, tentei entoar o *Hino do Brasil*. De forma mítica, eis que surge um boto cor-de-rosa à minha frente, e, de forma encantada e mística, não consegui balbuciar nenhuma palavra do Hino. Estava/fiquei hipnotizado olhando o animal. A proposta era “cantar” o Hino, mas como crítica. Contudo, com a presença do animal de frente para mim, surgido naquelas águas, não consegui sequer recordar como era o Hino, e os cânticos fossem ressignificados. Na minha cabeça, apareceram apenas cânticos de/para Oxum, reverberando uma sintonia de esperança. Sem dúvida, mesmo que de forma simbólica, a presença desse ser *Encantado* é um demonstrativo de que o Brasil ainda é uma terra de Encantados. Apesar de alguns pesquisadores destacarem que o epicentro das Encantarias está diretamente ligado aos estados do Maranhão, Pará e Amazonas, essas áreas podem ter variações regionais específicas relacionadas aos Encantados. Destaca-se que as Encantarias se encontram em



diversas partes do Brasil, com diferentes nomes e práticas associadas, como destacado acima. É importante entender que, muitas vezes, essas tradições se adaptam às culturas locais e incorporam elementos de religiões indígenas, africanas e até mesmo cristãs, numa rica mistura de crenças espirituais. No Acre, por exemplo, pelas inúmeras comunidades indígenas, é possível compreender como as histórias, os contos, os causos transformam os Encantados por meio das lendas/histórias que buscam reconstruir as narrativas pela voz dos anciãos e anciãs dos povos indígenas e afrodiáspóricos.

No contexto das Encantarias, as pessoas muitas vezes acreditam na existência de seres espirituais, entidades da natureza, ancestrais e outras forças sobrenaturais que desempenham um papel importante em suas vidas e rituais. As práticas variam amplamente e podem incluir cerimônias de cura, rituais de adivinhação, danças, cantos e oferendas aos espíritos. Portanto, é uma tradição cultural diversa e complexa que não está limitada apenas a esses estados ou regiões mencionadas e pode ser vista em várias partes do Brasil. Por isso, encontrar nas águas do rio Acre, na capital, o boto-cor-de-rosa, frequentemente representado como um homem jovem e bonito durante o dia que se transforma em boto à noite, cujas encantaria e histórias estão associadas aos rios amazônicos, foi um sinal verde de esperança. É possível ter ciência dos inúmeros impactos destrutivos que, em prol do desenvolvimento, o homem vem causando à Cidade, que se refletem de forma direta na natureza. Para mim, sujeito que atualmente vive em um estado que incentiva o agronegócio² e a agropecuária³, sentir um animal raramente visto no cotidiano da Cidade é sintoma de que os animais, de alguma forma, buscam resistir ao *fim do mundo*. Krenak salienta que a sociedade está sendo convocada a desistir dos próprios sonhos. Assim, ele destaca “a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (Krenak, 2020, p. 27). Encontrar um boto, e poder falar desse boto é a chance de dizer que ainda existe vida, e a Floresta está clamando para que, com essas histórias, ela possa resistir e re-existir.

Assim, o trabalho da disciplina que liga *corpo* e *espaço* e entende de forma somática os acontecimentos naturais e a relação com o contexto das pessoas que estavam ali em atividade, realizando a ação, possibilitou que criássemos registros dessa experiência vivida por meio de uma perspectiva do aqui e do agora, além de retratarmos questões a partir dos

² Moraes, Wesley. Acre: a nova fronteira agrícola da soja. *Notícias do Acre*, 2023. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/acre-a-nova-fronteira-agricola-da-soja/>. Acesso em: 17 set. 2023.

³ Valentim, Judson Ferreira. Produção e Potencial para a agropecuária no Acre. Governo do Estado do Acre, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais, Programa Estadual de Zoneamento Econômico-Ecológico do Estado do Acre – Fase II. *Embrapa*, Rio Branco, 2006. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1018723/producao-e-potencial-para-a-agropecuaria-no-acre>. Acesso em: 17 set. 2023.



impactos causados pelas chuvas, como demonstrado na Imagem 01. As ações de intervenção urbana partem “de um estado interventor causado pelos corpos, entendendo-a como uma linguagem artística que se ocupa dos espaços públicos para questionar/friccionar/pensar/propor provocações através das artes e propiciar uma relação com os transeuntes [e com os animais] que ocupam a cidade”. (Ferreira da Silva; Oliveira; Araújo, 2022, p. 86). Com base na vivência desse dia com o boto-cor-de-rosa na orla do rio Acre, gerou-se a seguinte escrita performativa:

De dentro do barco, olho para a frente, uma camada marrom, líquida, móvel, em diferentes fluxos segura o barco;
 O barco se move lentamente, fazendo com que o meu corpo sentisse o movimento;
 O balanço compunha o jogo do vento, que em um poste preso há uma bandeira, que também dança, como o barco e as várias garrafas de plástico que se deslizam sobre a camada líquida marrom.
 Tão forte é esta camada, que em sua força, desloca e move as terras e tudo aquilo que está próximo.
 De dentro do barco, vejo uma água, percebo uma água, cheiro uma água, que de dentro é completamente diferente do que de fora.
 Como é forte essa água marrom.
 Compreender a cidade sensível é compreender as forças que movem, impulsionam, agitam, friccionam a cidade.
 A água marrom é tão sensível que, no meio de sua imensidão e grandeza, para nós, apareceu um encantado.
 Como é forte essa água marrom de encantados dos botos. (Ferreira da Silva, escrito no dia 05 de maio de 2023).

Imagem 3 - Jacaré tomando sol na beira da lagoa da UFAC.



Fonte: Carlos Alberto Ferreira, 2019.

O **segundo animal** a destacar é o *jacaré*. A foto acima foi tirada dentro da Universidade Federal do Acre. É um animal observador, atento aos movimentos. Em maio de 2019, ao chegar na UFAC para a realização do concurso no norte do país, uma das



coisas que mais me chamaram atenção foi a presença dos animais. Ao me referir aos animais, estou trazendo o contexto dos animais silvestres, e o primeiro animal com que tive uma conexão imediata foi o jacaré. Dentro da UFAC, além do jacaré, há muitos outros animais, como capivaras, cobras, aves, peixes e outros. Na ansiedade da realização das provas, lembro-me de passar a prova oral para o jacaré, a quem, de forma afetiva, acabei dando o nome de *Freire*, pois naquele momento estava lendo a *Carta de Paulo Freire aos professores*. O animal estendido na grama perto do lago da UFAC estava atento e observava com os seus olhos os meus movimentos de um lado para o outro.

O lago da UFAC tem duas partes. De um lado está o gramado, onde ficam os prédios da instituição e a via para carros, motos, ônibus e pedestres; do outro lado, as árvores, uma pequena reserva da Floresta. Assim, durante a disciplina *Tópicos Especiais – Estudos do Corpo nas Artes Cênicas*, no dia 5 de maio de 2023, fizemos uma prática nesse espaço aberto perto do lago. Vivenciar a prática da referida disciplina no campus da UFAC possibilitou-me retomar essa memória do jacaré, pois, antes de iniciar a intervenção artística, ficamos sentados em uma das mesas próximas ao lago. Um jacaré veio nadando de longe, lá de perto do *Quiosque das Capivaras*. Pouco a pouco, foi se aproximando e ficou nos encarando perto da mesa. Havia um dançar e uma comunicação; pensei: *será que é o Freire?*

A *Imersão Corpo Ambiente* desenvolvida pelos participantes da disciplina criou uma conexão com a natureza, pois uma série de movimentos de energia, de fluxo, de relações se manifestavam, sobretudo “a partir da diluição das ações e comportamentos em todos os níveis, permitindo então a integração como abertura, criação e repadronização” (Fernandes, 2018, p. 180). Nesse sentido, vale destacar que o jacaré me observava e eu o observava, aprendia com ele a importância do tempo, do tempo espiralar e circular, do observar. Havia uma integração, uma dança e uma comunicação entre os corpos: animais, humano e natureza.

Ciane Fernandes, no livro *Dança Cristal: da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa*, ao descrever os *princípios contextuais*, que extrapolam a pesquisa em Artes Cênicas e, inclusive, se articulam com outros campos do saber, apresenta o princípio *Ecologia profunda e Imersão Corpo Ambiente*, em que a conexão do corpo em movimento com a natureza estimula a “reativação do movimento orgânico em conexão com o meio [que faz] parte de tendências artísticas que questionam cada modo de operação e controle sociais, subvertendo-os, e também propondo uma nova reintegração no/com o contexto” (Fernandes, 2018, p. 177). Assim, no contexto da Ecoperformance, os processos artísticos e de pesquisa apresentam interação com o ambiente, pois os processos partem de ações contínuas. No caso, a experiência vivenciada na beira do rio em conexão com o corpo do



artista/pesquisador possibilitou uma vivência somática com “essa força pulsional sutil e dissipada do ambiente vivo que reativa pulsões em momentos poéticos de performances em meio ambiente ou ecoperformances, como um resgate do coletivo acolhedor que concede amparo e suporte, em vez de agressão e cobranças” (Fernandes, 2018, p. 181).

Imagem 4 - Patrícia Caetano e o autor do texto na Lagoa da UFAC.



Fonte: Amanda Talita, 2023.

Intervir na frente do lago, sem dúvida, me levou a pensar nessa cena de anos atrás, referente ao processo de ingresso na Universidade Federal do Acre, em 2019, como docente. Como salientado acima, entre os documentos e livros que estudava na época estava a *Carta de Paulo Freire aos professores*. Paulo Freire destaca que nenhum tema é mais adequado para constituir-se em objeto a quem ousa “ensinar do que a significação crítica desse ato, assim como a significação igualmente crítica de aprender. Não existe ensinar sem aprender. O ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende” (Freire, 2001, p. 259). Assim, na imagem, Patrícia Caetano e eu performávamos imersos em uma dança somática, cuja pulsão e diálogo estabelecem uma relação contextual com a prática. Nesse caso, como ponto de partida, havia os impulsos da visita ao rio Acre, no centro de Rio Branco, e os desastres naturais causados pelas chuvas. Ou seja, o processo somático-performativo se soma e se integra a um processo que acessa e gera uma conexão entre nós dançarinos/performers/atores, o ambiente e o *jacaré*, que nos seguiu e nos impulsionou a dançar com ele e para ele. A performatividade da ação parte de uma imersão somática, em que aprendemos com a Floresta e com os animais que nela vivem.

O **terceiro animal** a destacar nessa experiência é a presença de uma *cadela*, que, durante a vivência no dia 09 de maio, relacionou-se, dançou e performou imersivamente com Eloisa Brantes. No livro *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* de Davi



Kopenawa e Bruce Albert, a potência da obra é nos mostrar como é presente uma pluralidade de culturas e de povos que habitam uma cosmovisão, com maneiras e formas subjetivas de ver e entender o mundo e de compreender as diferentes formas de habitar um lugar neste planeta, respeitando e cuidando da floresta, dos animais e dos seres que nela vivem. Nesse sentido, a obra destaca a relação dos animais com os seres humanos. Dada a circunstância, seria impossível não observar essa relação do animal *rixixi* das mulheres, que é um cachorro, com a imagem da foto abaixo.

Ao longo da vivência no centro de Rio Branco, o contato se deu em diversas instâncias, a partir do momento em que os corpos de artistas/pesquisadores compuseram uma relação com o espaço devastado de quando o rio chegou ao nível máximo de transbordamento e deixou rachaduras, fissuras e muito barro. Na perspectiva do transeunte que observava as ações, havia algo estranho que, de certo modo, gerava incômodo e questionamento do que estava acontecendo. Mas a presença da cadela e a relação com o corpo de Eloisa Brantes saem da estrutura do *estranhar* e perpassam o *relacionar*. A cadela adentra a ação e se soma à proposta. São corpos que transitam por um espaço urbano, se ligam e se conectam.

O trecho da citação do livro apresenta de forma direta o quanto os ataques aos animais afetam as pessoas, a ponto de deixá-las doentes. A questão é: quantos de nós, seres humanos, estamos adoecendo? Como os nossos corpos vêm lidando com uma situação de ataque direto aos bens naturais? Estes se referem a recursos e elementos da natureza que têm valor econômico ou utilidade para os seres humanos. Esses recursos naturais desempenham um papel fundamental em nossa vida por fornecer matérias-primas para a produção de alimentos, energia, abrigo, medicamentos e muitos outros produtos essenciais. Os bens naturais podem ser divididos em várias categorias, como recursos renováveis, recursos não renováveis, recursos energéticos, recursos minerais, recursos hídricos, recursos biológicos e recursos atmosféricos. Assim, quando esses recursos naturais são atacados, a Floresta, por exemplo, epicentro de energia e das forças das encantarias, quando atingida, não afeta os animais? Ou seja, quando o animal *rixixi* é atacado de forma violenta, com árvores sendo derrubadas, com a caça, com as queimadas, isso não nos afeta?

O animal *rixixi* das mulheres é o cachorro do mato hoahoama, e o dos homens o gavião-real mohuma. Esses duplos animais, que são também os de nossos antepassados, vivem na floresta junto de gente desconhecida, no alto rio Parima, perto de uma grande cachoeira chamada Xama si pora, protegida por incontáveis vespeiros e pelas borrascas de ventos poderosos. Então, se caçadores desse lugar flecharem um animal *rixixi*, o ferimento chega logo até nós e pode matar um morador de nossa casa. Assim é. Só nossa pele fica aqui, deitada na



rede. Nosso verdadeiro interior está lá, muito longe dela. Quando o animal rixi de uma pessoa daqui é atingido e tenta fugir correndo ou voando na distante floresta das altas terras, a pessoa fica doente e logo entra em estado de fantasma. Sente de repente uma dor muito aguda no local em que a ponta de flecha entrou no animal, seja ponta de bambu, seja ponta de osso de macaco. É por isso que, quando inimigos distantes flecham nossos duplos animais, logo ficamos doentes. (Kopenawa; Albert, 2015, p. 181).

Imagem 5 - Eloisa Brantes e a cadela no rio Acre, em Rio Branco.



Fonte: Vanesa Tomaz da Silva.

Dadas essas experiências, começo a me questionar: quando o homem deixou de aprender com os animais?

Na realidade, frente ao mundo contemporâneo e capitalista, percebe-se um contexto de Terra em fase de divisão, em que a compreensão de saberes e conhecimentos é visualizada pela esfera da devastação da natureza e da criação de animais como o *boi* para dar espaço ao agronegócio, por exemplo. Ou seja, nas palavras de Krenak:

[...] enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2020, p. 16-17).

A alienação faz com que o aprendizado natural com a Terra passe a se distanciar. A humanidade começa a dar valor ao industrializado, às farmácias, ao consumo exacerbado de remédios, enquanto a ideia de natureza é desconstruída. Com isso, sentimos de forma



direta os impactos dessa “evolução”. Na trajetória dos animais, um dos momentos mais vivos foi a chegada junto a nós das *borboletas*, que começaram a se aproximar em quantidade. Eram pequenas e delicadas e deram um tom de “boniteza” a um cenário machucado.

O **quarto animal** é a borboleta – *Ava fena*, como Edileuda nos informou na língua indígena de sua comunidade Shanenawa –, que compôs esse momento mágico e ressignificou um espaço devastado no seringal Dois Irmãos, dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX). Na realidade, *Ava fena* foi apresentada pelos brincos da Edileuda Shanenawa. Na van para a viagem de Rio Branco a Xapuri em 6 de maio, sábado de manhã, perguntamos sobre o artesanato em suas orelhas, e ela nos informou que eram borboletas.

Imagem 6 - mão de Stephanie Matos com duas pequenas borboletas pousadas. Ao fundo, é possível observar a vegetação e um tronco de árvore.



Fonte: Stephanie Matos.

Porém, quando chegamos à Reserva, muitas borboletas vieram nos receber. Era um portal de animais voadores que, atravessando o rio, começaram a pousar em nós. A mestranda, pesquisadora e artista Stephanie Matos, durante sua experiência na RESEX, fez uma vídeo-performance intitulada *Dança das Borboletas*⁴, que retrata a vivência de um corpo em busca de possíveis respostas. A proposta do vídeo, além de gerar um exercício de acessibilidade com legendas e audiodescrição, estabelece uma relação com os animais e a natureza, especialmente com as borboletas. No vídeo, é possível ver as imagens das formigas e ouvir os sons dos pássaros.

Meu corpo encontra um lugar de vida e morte. Enquanto os troncos mortos me rodeiam, as árvores e os animais persistem, resistindo. É o nosso ciclo de vida: nascemos, vivemos e, eventualmente, morremos. Às

⁴ *Dança com os animais – audiodescrição*. Stephanie Matos. 13 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fc7QLJu4a6Q>. Acesso em: 29 jul. 2023.



vezes, sofremos pequenas mortes ou mortes metafóricas, como dizer adeus a situações, pessoas ou ambientes que não estão mais alinhados conosco.

As borboletas me convidaram para dançar. Pousadas em minha mão, suavemente íamos desenhando nossos movimentos, cada qual respeitando seu tempo e ritmo. Em um jogo de troca de energia, entendi que muitas coisas em minha vida já passaram da data de validade, mas algumas ainda estavam comigo. Fui convidada pelo encanto das borboletas a expurgar tudo o que precisava para abrir espaço para o novo, o desconhecido.

É interessante mencionar que, na crença popular, a presença de uma borboleta é frequentemente associada a significados como transformação, renascimento e beleza. Juntamente com as borboletas, deixei de lado uma antiga parte de mim para redescobrir uma nova versão de mim mesma. Essa foi uma pequena morte metafórica (Dantas, 2023, p. 10).

Os Encantados, no livro *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*, organizado por Reginaldo Prandi (2001), são compreendidos como seres que se encantaram: os que sempre estiveram na condição de Encantados, outros de origem desconhecida, outros ainda seres humanos e animais que viveram na terra e morreram. Dessa forma, para mim, a sensação de chegar ao Seringal Dois Irmãos era ter acesso à energia de um portal dos Encantados, pois, mesmo vendo um espaço aberto, sem árvores, com poucas espécies resistentes no campo, uma terra com dor, queimada e devastada, havia uma sensação de presença.

Nesse mesmo pasto encontrei perto de uma árvore ninhos confeccionados pelo **quinto animal**, o japiim, conhecido também como xexéu. É uma ave inteligente, sabedora dos conhecimentos da natureza, arquiteta de ninhos extensos. A espécie enfrenta desafios de conservação devido à perda de habitat e à captura ilegal para o comércio de animais de estimação. Portanto, é considerada uma espécie ameaçada e está protegida por leis de conservação da vida selvagem em muitas regiões. Sua vocalização é característica e distinta, o que a torna reconhecível na floresta. Além disso, o japiim desempenha um papel importante na ecologia da floresta e, ajuda a dispersão de sementes de plantas tropicais. Devido à beleza e ao papel ecológico, o japiim é uma espécie icônica da biodiversidade da Amazônia e uma das aves mais apreciadas por observadores de aves e entusiastas da vida selvagem.

A relação, nessa fase, se deu entre o *corpo do performer*, o *espaço desmatado* e o *ninho*. O ato de caminhar com os olhos fechados com o ninho do japiim por aquele lugar me dava a sensação das inúmeras árvores que havia e que poderiam ter vários outros ninhos. A cada passo que dava sobre o capim e o mato, a sensação de dor aumentava, por perceber que,



mesmo atento aos cuidados da Reserva, os responsáveis acabam usando parte da Floresta para usufruto.

Vale destacar que, ao fundo da imagem, é possível ver a Floresta; mas, no espaço ocupado pelo meu corpo, está sendo possivelmente preparada uma pastagem para bois, uma vez que, no lado oposto, já há algumas cabeças. No meu rosto, é possível ver uma borboleta; realmente havia muitas nesse lugar.

Imagem 7 - Carlos Alberto Ferreira, de olhos fechados, com dois ninhos do pássaro japiim. No lado esquerdo, perto do olho, há uma borboleta pousada. Ao fundo, é possível observar a Floresta.



Fonte: Amanda Talita.

Percebe-se que, nos últimos anos, o índice de desmatamento cresceu. Em junho de 2023, o jornal Brasil de Fato publicou a matéria *Desmatamento cresce 22% no Brasil em 2022; agropecuária é principal responsável, diz Mapbiomas*. De acordo com a reportagem, “em 2022, o desmatamento no Brasil cresceu 22,3% em comparação com o ano anterior e atingiu 2,05 milhões de hectares. Os principais biomas afetados foram Amazônia e Cerrado. A cada segundo, cerca de 21 árvores foram derrubadas na Amazônia”. Um dos maiores agravantes dessa situação é a agropecuária. A reportagem ainda salienta que a agropecuária

⁵ PAJOLLA, Murilo. Desmatamento cresce 22% no Brasil em 2022; agropecuária é principal responsável. *Brasil de Fato*, Lábrea – Amazonas, 12 de jun. de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/12/desmatamento-cresce-22-no-brasil-em-2022-agropecuaria-e-principal-responsavel-diz-mapbiomas#:~:text=Em%202022%2C%20o%20desmatamento%20no,%C3%A1rvores%20foram%20derrubadas%20na%20Amaz%C3%B4nia>. Acesso em: 30 jul. 2023.



“consolidou-se como o principal vetor da derrubada, provocando 95,7% da devastação, o equivalente a 1,96 milhão de hectares. A atividade provocou em 2022 um impacto muito maior do que o garimpo, que devastou 5,9 mil hectares, e a mineração, com 1,1 mil hectares”.

No estado do Acre, a perspectiva não é diferente. Na viagem de Rio Branco a Xapuri, as imagens mais frequentes eram pastos e mais pastos com inúmeras cabeças de gado. Fazíamos a seguinte pergunta: cadê a floresta? Como é possível viajar aproximadamente 200 km e não ver árvores em pleno território amazônico? Quantas árvores foram derrubadas? Quantos animais foram extintos? O que estão fazendo para adiar o fim do mundo?

Até quando?

Em pleno 2023, são visíveis os danos causados à Floresta Amazônica brasileira, sobretudo no governo de 2019 a 2022, que pouco se preocupava com os recursos naturais e estimulava o desmatamento, a extração e o massacre dos povos da Floresta, o que causou um quadro catastrófico. Em função desses inúmeros ataques, é perceptível que muitos animais sumiram. Animais que, como destacado em *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, têm relação direta conosco, pois são importantes para o equilíbrio da Terra. Porém, alguns desses animais destacados deixam de ser encantarias e se transformam em Encantados, pois a cada dia a Floresta está sendo morta.

O livro *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*, de Malcom Ferdinand, no prefácio escrito por Angela Davis, destaca o protesto do *Dia da Terra (Earth Day)* organizado pelo Greenpeace, em Washington:

‘Todos nós temos em nossos corpos, em nossos tecidos e em nosso sangue dezenas de produtos químicos oriundos de uma série de indústrias poluentes e processos industriais em curso pelo planeta. Particularmente nos Estados Unidos e em outros países industrializados, há fábricas como as de vinil, plástico e produtos petroquímicos que emitem toxinas perigosas que prejudicam a saúde humana e causam a morte de muitas pessoas [...]. Estamos sendo envenenados e mortos contra a nossa vontade. [...] Todo o planeta sofre com a poluição, mas existem algumas comunidades-alvo, comunidades que, como resultado da segmentação baseada em raça e renda, recebem uma parcela desproporcional da poluição do planeta e da nação. Pessoas racializadas, Pretas [African Americans], latinas, indígenas, asiáticas e brancas pobres estão recebendo uma parcela desproporcional da poluição do país. Como resultado, os casos de doença e as mortes nessas comunidades são maiores. Temos que nos opor e desafiar o racismo ambiental (Ferdinand, 2022, p. 11).



Os aspectos levantados na obra de Ferdinand apresentam o rumo em que a própria sociedade está entendendo e interpretando a ecologia. É possível encontrar a mesma coisa na literatura de Ailton Krenak e Davi Kopenawa. Ou seja, algo precisa ser feito com urgência. No texto acima, é mencionada a questão das empresas e indústrias com relação aos poluentes. Porém, como destacado na reportagem, a questão da agropecuária vem tomando conta do Brasil a tal ponto que o **sexto animal**, o *boi*, se torna uma verdadeira praga ambiental. *Cortam-se árvores para plantar bois*. São inúmeras as pessoas que vivem e trabalham com o ramo da agropecuária no Acre. Não são algumas cabeças de gado, mas milhares. Assim, para criar pastagens, derrubam-se as árvores.

Em ato de manifestação, gostaria de citar a artista Daniela Mercury que, de forma antropofágica, reivindica com sua música a situação do Brasil por meio da arte. Em 2023, em pleno carnaval de Salvador, Daniela Mercury lança a música *Macunaíma*⁶. A música é um manifesto das inúmeras ações realizadas pelo antigo governo do Brasil, cuja imprudência atingiu e afetou de forma direta o nosso país. A canção começa pela questão da vacina antropofágica como um salve e o combate ao ato genocida que vivenciamos no governo de Jair Bolsonaro. Contudo, a palavra *natureza* é o ponto central de invocação e traz como manifesto o desejo de revolucionar, resgatar e reivindicar. Para isso, as pessoas são convocadas a ser esses agentes dispostos a lutar contra os ataques: “Não vamos deixar, Vamos juntar, Energia humana, Xamã, Deusa, Não vamos deixar, Vamos juntar, Energia humana, Natureza”. A música recorda a Semana de Arte Moderna e alguns outros fatos ocorridos em prol da crítica ao capitalismo desenfreado.

Nesse viés, a artista baiana relembra o *Touro de Ouro* instalado na frente da Bolsa de Valores, uma menção ao *Touro de Wall Street*, centro financeiro de Nova York, que representa “o otimismo e a força dos investidores”⁷ no mercado financeiro: “Sampa estouro, Touro cafona de ouro, Capital colonial, Do capital, Dentro do teatro, Municipal, Villa lobos rasga o coração, Pagé da orgia ritmada com ação”.

Sem dúvida, trazer essa imagem do *boi* demarca a urgência de algo real que está acontecendo neste país: o crescimento acelerado do mercado financeiro na agropecuária. Nas imagens abaixo, vemos o registro de um percurso de Rio Branco a Xapuri no qual o animal mais visto é o boi e o cenário é justamente esse, com algumas castanheiras instaladas

⁶ *Macunaíma*. Daniela Mercury. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cD-3dBlq9o&t=2s>. Acesso em: 30 jul. 2023.

⁷ Touro de Ouro da Bolsa de Valores, no Centro de SP, é alvo de protesto pelo 2º dia consecutivo. *G1*, São Paulo, 18 de nov. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/18/touro-de-ouro-da-bolsa-de-valores-no-centro-de-sp-e-alvo-de-protesto-pelo-2o-dia-consecutivo-em-sp.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2023.



nos terrenos como resistência, em função de uma lei que proíbe o corte. Até quando elas vão durar sozinhas? Por outro lado, os pastos estão recheados de bois, tornando-se impossível contar e calcular a quantidade de animais a cada quilômetro percorrido.

Imagem 8 - pastos na beira da estrada com inúmeros bois. Ao fundo, é possível observar as Castanheiras, as únicas árvores permanentes, pois por lei é proibido cortá-las.



Fonte: Carlos Alberto Ferreira.

Na música, Daniela Mercury reitera em alguns versos: “Ricos propõem negócio, Pobre dinheiro e sócio, Eliminar combustível fóssil, Bla bla bla bla, Polos do mundo vomitando, Geleira derramando, Mar enchente, Inunda gente, Flagelo cósmico imundo, Engole todo mundo”. Ou seja, é um colapso presente, e é necessário indagar: *até quando?* O clima está mudado, com calor mais intenso, chuvas mais fortes; as geleiras derretem em função da temperatura mais alta; há enchentes e desmoronamentos nas cidades. Catástrofes!

Até quando concordaremos com isso? Até quando os nossos bens naturais continuarão a ser abatidos em prol de um capitalismo desenfreado? Até quando continuaremos a aceitar que os nossos corpos vivam o efeito desenfreado e catastrófico dos venenos produzidos pela indústria? Dos produtos inapropriados usados nas terras?

Até quando?

Portanto, retratar neste texto um relato manifesto do que foi vivenciado na disciplina *Tópicos Especiais – Estudos do Corpo nas Artes Cênicas*, do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre, sem dúvida faz com que nós, artistas, educadores, estudantes, pessoas do senso comum compreendamos a importância dos seres vivos no próprio sistema. A partir do momento em que os biomas são afetados, automaticamente também somos afetados. Trazer os *Encantados*, mesmo que de forma generalista, pretende narrar os encontros com esses animais como proposição criativa e política de resistência, no intuito de apresentar o caos ambiental que a humanidade vivencia, além de ser uma forma de entender que o contexto atual do Brasil exige atenção urgente no âmbito ambiental. Por isso, *até quando* vamos permanecer como



estamos? Quando nos manifestaremos? Quando deixaremos de ouvir o barulho da serra elétrica? *Até quando?*



Referências

- DANTAS, Stephanie Caroline Matos. Do caos a conexão: estudos do corpo em artes cênicas. 2023. In: DISCIPLINA TÓPICOS ESPECIAIS – ESTUDOS DO CORPO NAS ARTES CÊNICAS. Universidade Federal do Acre, Acre, 2023.
- FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FERNANDES, Ciane. *Dança Cristal: da arte do movimento à abordagem somático-performativa*. Salvador: EDUFBA, 2018.
- FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto; ARAUJO, Everton Lampe; OLIVEIRA, Natália A. Angelim de. A prática urbana como pesquisa pela/na cidade: a perspectiva do sensível através de corpos com deficiências. *Cadernos do GIPE-CIT: Grupo interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade*, v. 48, 2022.
- FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. *Cidade cega: uma encenação somático-performativa com atores/performers com deficiência visual na cidade*. 2018. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 42, 2001.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup, 1995.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: Cejup, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 2001.



Autor**Carlos Alberto Ferreira**

Encenador, performer, ator, produtor teatral. Docente Adjunto do curso de Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutor em Artes Cênicas pela UFBA; cursou o Doutorado-Sanduíche na *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3* (PDSE-CAPES); Mestre pelo PPGAC-UFBA (2012-2014). Graduado em Artes Cênicas Licenciatura e Bacharelado com ênfase em Direção Teatral e Interpretação, pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2006-2011).

E-mail carlosferreira1202@gmail.com

Direitos autorais

Carlos Alberto Ferreira

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

**Modalidade de avaliação**

Avaliação Duplo-Cega

Editores responsáveis

Éden Peretta

Bárbara Carbogim

Histórico de avaliação

Recebido em 30 de julho de 2023

Aceito em 12 de outubro de 2023